A QUESTÃO DA TÉCNICA EM ÁLVARO VIEIRA PINTO E ORTEGA Y GASSET.

Dr. Sandro Luiz Bazzanella[1]

Ms. Adilson Boell[2]

RESUMO

O presente estudo realizar-se-á mediante análise bibliográfica e seu objetivo reside em torno da concepção de técnica presente no pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e, do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. A relevância deste trabalho consiste na necessidade de maior compreensão do pensamento destes dois autores em especial o segundo, e pelo próprio tema do estudo. Pretende-se demonstrar num primeiro momento a convergência dos referidos pensadores, em torno da centralidade da questão da técnica na modernidade, sobretudo em sua instrumentalidade como forma de domínio e controle do humano. E num segundo momento, as diferenças de fundo teórico e conceitual nas análises levadas adiante sobre a técnica pelos referidos pensadores. A análise de Ortega y Gasset sobre a questão da técnica ancora-se no materialismo fenomenológico existencialista, procurando chamar atenção para o fato de que a essência da técnica não se encontra em seu caráter instrumental, mas na forma como desvela os objetos, as coisas que passam a fazer parte e interferir na forma como os seres humanos concebem a relações e, por extensão o mundo em que se encontram inseridos. Nesta direção, tem-se a percepção que o posicionamento de Ortega y Gasset se apresenta um tanto quanto cético em relação ao tecnicismo moderno e sua instrumentalidade sobre o homem e o mundo por ele articulado e construído. Por seu turno, a análise de Álvaro Vieira Pinto ancora-se no materialismo dialético, o que lhe permite tomar a técnica como condição *sine qua non* do humano, tornar-se humano pelo domínio e transformação da natureza que o cerca. Assim, se num primeiro momento, seu posicionamento diante da técnica se circunscreve nas exigências materiais do fazer-se humano frente à natureza, num segundo momento, o filósofo chama atenção para os limites da constituição humana quando se estabelece o limite de acesso à técnica, ou a inovações técnicas por parte do trabalho, limitando o horizonte cognitivo, e de domínio do mundo pelo limite da capacidade de técnica do homem nele agir e realizar-se.

Palavras-chave: técnica; materialismo fenomenológico existencialista; dialético.

[1] Dr. em Ciências Humana (UFSC), professor de filosofia e coordenador do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. e-mail: sandroluizbazzanella@gmail.com

[2] Ms. Em Desenvolvimento Regional, pela Universidade do Contestado. adilsonboell13@hotmail.com

RESUME

This study will be carried out by literature review and their goal lies around the concept of this technique in the thought of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset and the Brazilian philosopher Álvaro Vieira Pinto. The relevance of this work is the need for greater understanding of the thought of these two authors in particular the second, and by the very theme of the study. We intend to show at first the convergence of these thinkers around the centrality of the question of technique in modernity, especially in its instrumentality as a means of domination and control of human. And subsequently, the differences in theoretical and conceptual background in the analysis put forward by those on the technical thinkers. The Ortega y Gasset analysis on the issue of technical anchor in the existential phenomenological materialism, trying to draw attention to the fact that the essence of the technique is not in its instrumental character, but in the way reveals the objects, the things become part and affect the way humans conceive of relations and by extension the world we belong. In this direction, there is the perception that the placement of Ortega y Gasset presents somewhat skeptical of the modern technicality and its instrumentality about man and the world that he articulated and built. In turn, analysis of Álvaro Vieira Pinto anchored in the dialectical materialism, allowing you to take the technique as a condition sine qua non of human become human for mastery and transformation of nature that surrounds it. So, if at first, its position before the technique is limited in substantive requirements of doing superhuman front of nature, secondly, the philosopher draws attention to the limits of the human constitution when establishing the technical access limit or technical innovations by the work, limiting the cognitive horizon, and world domination by the limit of man's technical capacity to act on it and be held.

Keywords: art; materialism phenomenological existentialist; dialectic.

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a “tecnologia” assume papel central nas discussões que permeiam o campo do desenvolvimento da nossa sociedade. Desta forma urge a necessidade de estudos não só referentes às novas descobertas e sua aplicação, como também no campo teórico conceitual. O acesso às novas “tecnologias” tem influenciado de maneira gritante as novas gerações, modificando comportamentos, culturas, e transformando a maneira dos homens verem-se a si, aos outros e o mundo a sua volta. Há quem afirme que está é a geração das novas tecnologias, a chamada geração tecnológica, ou ainda a “geração da informação”. Neste caso, fica evidente uma “absolutização do paradigma tecnológico”[3] autores com Silva (2013) alertam sobre os perigos de que a vida seja regida por uma “racionalidade tecnológica (FEENBERG, 2001; VIEIRA PINTO, 2005). Klinge (2000) chama a este processo de tecnocentrismo. Se uma visão otimista em relação a técnica e perniciosa seu oposto não é caminho menos perigoso. Neste sentido é prudente que se tenha cautela no trato analítico do tema.

Notadamente os conceitos de técnica e tecnologia são utilizados indiscriminadamente pelo senso comum, sem uso de rigor conceitual, quanto ao sentido de um e outro. O que a principio poderia parecer uma confusão despretensiosa e ocasional, para Pinto (2005) isto não ocorre por acaso, mas sim fruto de interesse das elites dominantes, que desejam conservar está imprecisão conceitual, o que o referido autor chama de “ideologização da tecnologia”. “Uma vez convertida em ser, em coisa em si, a técnica passa a exercer por si mesma efeitos, como realidade que supõe ser” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 177). Desta forma para efeitos deste estudo entende-se que “Há sem dúvida uma ciência da técnica, enquanto fato concreto e por isso objeto de indagação epistemológica. Tal ciência admite ser chamada de tecnologia (VIEIRA PINTO, 2005, p. 220)”.

O objeto do presente estudo reside em torno da concepção de técnica presente no pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto e do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Iniciamos com uma premissa heideggeriana expressa em seu célebre texto “A questão da técnica”: “A técnica é o destino de nosso tempo”. Seguramente, pode-se dizer que a técnica é o destino do Ocidente desde seus primórdios. A técnica, esta capacidade criativa

[3] Revista Fronteira das Educação [online], Recife, v. 1, n. 1, 2012. ISSN: 2237-9703. Disponível em: <http://www.fronteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/issue/view/2>.

humana de fabricar instrumentos para o alcance de determinados fins, acompanha o ser humano desde seus primórdios na longa caminhada humanizadora do mundo.

No mundo grego antigo, têm-se conhecimento a partir da obra de Aristóteles, que a *téchne* está intimamente ligada à dimensão da estética. Para o filósofo estagirita a arte ocupa-se da beleza que reflete um tipo ideal de realidade que na natureza se apresenta de forma imperfeita. Para Aristóteles o belo é um bem, um valor universal desejável e alcançável pela via racional, mas também pela via prática no exercício ético e político da *polis*. Proporciona aos seres humanos a agradabilidade na contemplação das formas, do cosmo, da existência e da vida. É um bem que agrada aos seres humanos e está vinculado ao plano das faculdades cognitivas que procuram reconhecer na natureza, nos objetos e na própria vida, a ordem, a simetria e a determinação.

Sob tais pressupostos, a técnica apresenta-se como uma forma de conhecimento, de atividade do espírito, da engenhosidade, da criatividade e se apresenta na forma de atividade produtiva e prática, ou, dito de outra forma, a técnica é potência de fazer, de materializar ideias, de colocá-las em ato através do campo produtivo. "O que "é" téchne "é" produto. Também tudo o que é produto, o é em virtude da téchne. (...). A téchne (...) é concepção e obra e importa em bifacialidade interativa entre o que se concebe e o que se produz."[4]

Este artigo e o segundo de uma série que se pretende escrever. O primeiro foi publicado na revista Ciência em Curso[5]

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A técnica em Ortega y Gasset.

É sob estas perspectivas que Ortega y Gasset em seu curso e posteriormente obra: "Meditações da Técnica", definirá a técnica como o conjunto dos atos técnicos empreendidos pelo homem na modificação do mundo, na reforma que o homem impõe à natureza, modificando-a no intuito de satisfazer necessidades e vontades. A técnica materializa-se como intensa e enérgica reação contra a natureza e suas forças, trazendo ao mundo, à existência, um conjunto de objetos e de seres que passam a fazer parte do projeto existencial humano.

---

[4] Idem

[5] http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/ciencia-em-curso/0301/0301AP.pdf
Sandro Luiz Bazzanella, José Ernesto de Fáveri e Adilson Boell, em seu artigo Técnica e desenvolvimento: perspectivas analíticas a partir de Álvaro Vieira Pinto e Martin Heidegger, colocam em jogo a relação entre técnica e desenvolvimento, entrecruzando duas matrizes filosóficas e seus respectivos posicionamentos "prometeicos" e "faústicos" diante desta relação na contemporaneidade.

> De onde resulta que estes atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo que nela haja o que não há – seja que não existe aqui e agora quando se necessita, seja que em absoluto não existe. Pois bem, estes são os atos técnicos, específicos do homem, o conjunto deles é a técnica, que podemos, desde logo, definir como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades. (...). É, pois, a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza.[6]

Para Ortega y Gasset a importância estratégica da técnica na modernidade se apresenta na medida do aumento das necessidades humanas, "sabemos que as necessidades humanas são objetivamente supérfluas e que somente se convertem em necessidades para quem necessita o bem-estar e para quem viver é essencialmente viver bem."[7] Sob os imperativos da sociedade da produção e do consumo, a técnica torna-se um fim em si mesma, um dispositivo vital sem o qual se torna quase impossível pensar a vida contemporaneamente. A técnica dispõe, usufrui e reforma a vida, na medida das necessidades práticas derivadas das demandas biológicas, de desejos e necessidades potencializados por uma forma especificamente moderna e contemporânea de ser e estar no mundo.

> (...) o empenho do homem por viver, por estar no mundo, é inseparável de seu empenho de estar bem. Mais ainda: que vida significa para ele não simples estar, mas bem-estar, e que somente sente como necessidades as condições objetivas do estar, porque este, por sua vez, é suposto do bem estar. (...). O bem-estar é a necessidade fundamental para o homem, a necessidade das necessidades.[8]

A busca da felicidade e do bem viver, residem na capacidade de desenvolvimento e aplicabilidade da técnica que pode permitir ao ser humano a longevidade, o corpo ideal e a vida saudável. Assim, se uma parte da vida humana está ligada ao que se pode denominar de natureza humana inerente a sua dimensão biológica, de algo que é natural e própria da espécie humana, a outra parte ou dimensão da vida humana é aquilo que se constrói que se cria e inventa culturalmente a partir dos seres e dos elementos que a natureza disponibiliza.

---

[6] GASSET, José Ortega y. **Meditação sobre a técnica: Vicissitudes das ciências. Cacofonia na física**. Tradução e Prólogo de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963, p. 14.
[7] Idem, p. 22
[8] Ibidem, p. 20

É esta capacidade de criação de invenção, de trazer ao mundo humano culturalmente construído que se denomina de técnica. A técnica se apresenta em uma de suas dimensões, na capacidade humana de trazer à existência e ao mundo humano, objetos, coisas e seres que não se apresentam num primeiro plano na existência natural de forma imediata. Mas, a capacidade e a necessidade humanas de inventar a vida impulsionam-na a enfrentar a natureza, a manipulá-la e a exigir que a mesma entregue o que é necessário e de interesse para o bem viver humano.

> E precisamente a essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama de vida humana, bem-estar. A vida humana, pois, transcende da realidade natural, não lhe é dada como lhe é dado à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos – comer, fugir, nidificar, etc. – Senão que o homem a faz, e este fazer a própria vida começa por ser a invenção dela.[9]

É neste contexto de invenção da vida humana, de construção do mundo, que o ser humano lança mão da técnica, a ponto de transformá-la contemporaneamente num fim em si mesma, passando a dispor do mundo, da totalidade da existência humana. O sujeito cognoscente traz consigo a necessidade de um método que lhe permita alcançar conhecimentos que, doravante, poderão ser estabelecidos sobre o mundo, sobre a existência, sobre a natureza, sobre sua condição humana e suas relações vitais. Para Ortega y Gasset "o sentido e a causa da técnica estão fora dela; isto é: no emprego que dá o homem a suas energias disponíveis, libertadas por aquelas. A missão inicial da técnica é essa: dar franquia ao homem para poder dedicar-se a se ele mesmo."[10]

2.2 A técnica em Álvaro Vieira Pinto

O filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto parte do pressuposto de que a compreensão da essência da técnica implica no fundamento uma definição antropológica. A técnica é um dos elementos que compõem a dinâmica antropogenética que desembocou no processo de hominização que nos trouxe a atualidade da condição humana. "O aparecimento do homem como espécie à parte assinala-se pelo surgimento da técnica, pois tal é a modalidade pela qual

[9] Ibidem, p. 33
[10] Ibidem, p. 46

a natureza (...), ao lhe negar o instinto produtivo, dota-o da faculdade de agir racionalmente."[11]

O humano produz o humano e o mundo. Para Álvaro Vieira Pinto, o homem em sua animalidade primeva foi colocado à prova pela natureza a produzir e a produzir-se. Diferentemente de outros animais e, do conjunto da vida natural em que se apresentam inseridos numa dinâmica cíclica e instintiva de sobrevivência, de manutenção e reprodução da espécie, os seres humanos, sua continuidade biológica individual e como espécie, exigiu-lhes que produzissem as condições materiais de sua sobrevivência. Ao produzi-las, apresentavam-se-lhes coetaneamente as condições sociais e culturais que lhe permitiriam cada vez mais o domínio da natureza em seu entorno.

> A dignidade biológica do homem, pela qual se distingue das espécies inferiores, reside na possibilidade de produzir. Porque mediante tal ato transforma o mundo à imagem do que pretende venha a ser a realidade física e social, e com esse procedimento modifica-se a si próprio, cria a sua existência. Torna-se o ser obrigado a conhecer para subsistir. Esse processo chama-se cultura, mas a fundamentação biológica onde se assenta não ocorre senão mediatizada pelo exercício das relações sociais.[12]

Há várias questões implicadas nesta perspectiva dialética de Álvaro Vieira Pinto de interpretar a questão da técnica. A primeira delas consiste em dar-se conta de que o humano é a resultante de múltiplas variáveis em jogo coetaneamente no processo de hominização. Sob tal argumentação torna-se equivocado estabelecer um evento que o antecede ou desencadeia os demais. Para Álvaro Vieira Pinto não há uma hierarquia de eventos que constituem o humano. O ato produtivo das condições biológicas de existência vem acompanhado do ato produtivo do humano, do aumento de sua capacidade de conhecer os objetos, os materiais que o cercam e, ato contínuo, tais domínios vêm acompanhados pelo desenvolvimento e complexificação da linguagem humana.

A segunda questão, derivada da primeira, apresenta-se na perspectiva de que uma leitura do processo de hominização, ancorado no materialismo histórico-dialético, pressupõe o reconhecimento da contradição fundamental que se estabelece entre o homem e a natureza. Ou seja, a emergência do humano pressupõe a necessária superação da natureza. E a superação da natureza sob determinadas condições impõe ao homem novos desafios e

---

[11] PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia Vol. I.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 195.
[12] Ibidem, p. 165.

obstáculos a exigirem-lhe esforço humano e intelectual. Ao transformar a natureza o homem produz a si mesmo. É o ininterrupto esforço de superar os obstáculos da natureza que faz com que o homem se humanize cada vez mais. Assim, o domínio da natureza pelo homem revela um princípio teleológico que lhe é inerente e que se constata no processo de evolução da vida em sua totalidade, e acima de tudo no ser humano que atinge o auge deste dinamismo teleológico natural ao desenvolver, além da vida em sua base biológica, a vida racional, a política e a espiritual.

> Ao constituir o ser humano, a natureza, se nos é lícito usar esta linguagem antropomórfica, transfere para ele a responsabilidade de procurar tecnicamente a solução das contradições experimentadas com o mundo material, para tanto dá-lhe liberdade de inventar os meios de produzir sua própria existência. A natureza inicialmente, no segmento da evolução puramente animal, programava a espécie e o desenvolvimento desta. Com o surgimento do ser consciente entregou-lhe a capacidade de se autoprogramar, não apenas na condição de animal que se constitui a si mesmo, mas ainda na de agente que, obedecendo a um projeto originado do pensamento, modifica a natureza. Só então torna-se possível a consciência desta técnica. Sem este traço especificamente humano a técnica a rigor não existe.[13]

Desta forma, a terceira questão derivada de um posicionamento dialético diante do processo de hominização, refere-se à dimensão da historicidade que envolve o ser e estar do homem no mundo. Sob esta condição, o grau evolutivo e de progresso científico e tecnológico alcançado pelo ser humano não são fruto de uma evolução natural, mas sim da forma como em cada contexto histórico o homem respondeu produtivamente, tecnologicamente aos desafios da contradição fundamental estabelecida em relação à natureza. Álvaro Vieira Pinto, chama a atenção para o equívoco das análises e interpretações que pretendem argumentar que os tempos atuais são melhores, mais evoluídos tecnicamente que outros. Argumenta o filósofo que os homens em cada contexto histórico respondem de modo específico e característico no que se refere à técnica e aos desafios da contradição com a natureza e que as mais diversas respostas conferidas nos mais diversos contextos humanos temporais contribuíram para o grau tecnológico alcançado na atualidade. O que significa afirmar que não tem amparo na dinâmica histórico-dialética o fato de anunciarmos nossa época com o rótulo de “era tecnológica”. Cada época histórica pode ser concebida como “era tecnológica”, pois articulou técnicas que responderam aos desafios de superação dos obstáculos naturais

[13] Ibid., p. 148.

impostos ao homem naquele contexto de mundo. “A técnica é por isso contemporânea de todo curso do processo de formação do homem na condição de espécie zoológica autônoma. A técnica inicia-se com o homem pela mesma razão que faz o homem iniciar-se com a técnica.”[14]. “Em nenhum momento, os computadores e as máquinas cibernéticas mais complexas [...] se desligam do homem, mesmo quando supostamente parecem gerar os próprios modelos de ação” (p. 201). É importante salientar que quando Vieira pinto (2005) fala em homem relacionando-o a técnica não o faz considerando o “individuo como ser abstrato, figura representativa da ideologia burguesa”[15], mas sim, como ser social. “O homem que se fez por si, examinado com rigor científico, revela ser na verdade aquele que se fez pelos outros, mas teve a habilidade de transformar-se a si próprio em conceito ideológico” (p. 305). “O exercício social da técnica estabelece o fundamento do inevitável caráter ideológico da tecnologia” (p. 321). Vieira Pinto afirma que a relação do homem com a técnica na verdade ocorre por que “a sociedade é o sujeito que domina a tecnologia” (p. 345). Vieira Pinto (2005, p. 177) chama a atenção para a “raiz de uma modalidade comum de desenvolvimento semântico que irá florescer nas mais simplistas especulações e teorias a que aludimos, mencionando alguns casos passados e atuais, e que, todas, têm por essência geral o engano da hipostatização da ‘técnica’”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa confrontando o pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e de Álvaro Vieira Pinto reconhece num primeiro momento a convergência dos referidos pensadores em torno da centralidade da questão da técnica na modernidade, sobretudo em sua instrumentalidade como forma de domínio e controle do humano. Os referidos pensadores reconhecem que a ciência moderna, amparada pela instrumentalidade da técnica apresenta-se como portadora da vontade de verdade à procura do estabelecimento das leis universais, a partir das quais seria possível estabelecer a previsibilidade, a uniformidade, à regularidade dos seres e da dinâmica de sua existência. Pretendendo estabelecer relações de grandeza macrocósmica, bem como adentrar pelos intricados e ínfimos caminhos da materialidade em sua dimensão microcósmica, decifrando-lhe os segredos e as potencialidades, o homem investe esforços e esperanças no desenvolvimento científico e

[14] Ibid, p. 215.
[15] http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_14_francisco.pdf, 2005, p.151

técnico. Esta condição de aposta na ciência e na técnica justifica-se em parte, pelo fato do humano constituir-se como humano no confronto com a natureza que o cerca e, por extensão por sentir-se órfão, abandonado numa realidade cosmologia de grandezas e profundezas abissais, e compete somente a ele encontrar vias de entendimento dos fenômenos naturais que permeiam sua existência.

Num segundo momento, constatam-se diferenças de fundo teórico e conceitual nas análises levadas adiante sobre a técnica pelos referidos pensadores. A análise de Ortega y Gasset sobre a questão da técnica ancora-se no materialismo fenomenológico existencialista, procurando chamar atenção para o fato de que a essência da técnica não se encontra em seu caráter instrumental, mas na forma como desvela os objetos, as coisas que passam a fazer parte e interferir na forma como os seres humanos concebem a relações e, por extensão o mundo em que se encontram inserido. Nesta direção, tem-se a percepção que o posicionamento do Ortega y Gasset se apresenta um tanto quanto cético em relação ao tecnicismo moderno e sua instrumentalidade sobre o homem e o mundo por ele articulado e construído. Por seu turno, a análise de Álvaro Vieira Pinto ancora-se no materialismo dialético, o que lhe permite tomar a técnica como condição *sine qua non* do humano tornar-se humano pelo domínio e transformação da natureza que o cerca. Assim, se num primeiro momento, seu posicionamento diante da técnica se circunscreve nos meandros evolutivos do fazer-se humano frente à natureza, num segundo momento o filósofo chama atenção para os limites da constituição humana, quando se estabelece o limite de acesso a técnica, ou a inovações técnicas por parte do trabalho, limitando o horizonte cognitivo, e de domínio do mundo pelo limite da capacidade de técnica do homem nele agir e realizar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GASSET, José Ortega y. **Meditação sobre a técnica: Vicissitudes das ciências. Cacofonia na física**. Tradução e Prólogo de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963, p. 14.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia Vol. I.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 195.

Revista Fronteira das Educação [online], Recife, v. 1, n. 1, 2012. ISSN: 2237-9703.
Disponível em: <http://www.fronteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/issue/view/2>.

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_14_francisco.pdf